

Sutralamkara

Ashvaghosa

Capítulo III

História nº 11

Os monges mendicantes surpreendidos por bandidos

O discípulo do Buda que sabe manter de forma estrita os compromissos religiosos é respeitado pelos homens e todo o mundo irá venerar seu mestre.

Eis aqui o que ouvi dizer:

Um grupo de bhiksus viajava no deserto. Eles foram surpreendidos por bandidos que lhes roubaram e lhes tiraram as vestes. Os bandidos temiam que os bhiksus fossem se queixar na cidade e resolveram matá-los. Mas entre os bandidos havia um homem que outrora havia pertencido ao clero e disse aos seus companheiros: “Por que vocês vão fazê-los perecer completamente? Segundo a lei deles, os bhiksus não podem fazer mal nem mesmo a um broto de grama. Portanto se vocês os atarem com folhas, eles não poderão as romper, pois temerão fazer mal a elas, assim lhes será impossível fugir em todas as direções para pedir justiça.” Os bandidos de fato, os ataram com as folhas e se foram abandonando-os a sua sorte. Os bhiksus, quando se viram atados pelas folhas, temeram violar os compromissos para ousar romper o laço. Desprovidos de vestes, foram queimados pelo sol, e os mosquitos, moscas e pulgas os atormentaram. Eles permaneceram atados da manhã a noite. Depois veio o pôr-do-sol, as trevas e a obscuridão completa. Os rondadores da noite (*niçâcaras*), os pássaros e os animais selvagens passaram e repassaram rapidamente. Ouviam-se os uivos das hordas dos chacais e os gritos das corujas e os clamores de um som sinistro e aterrador. Então um velho bhiksu dirigiu-se aos jovens discípulos e lhes disse: “Escutem bem! A vida humana é curta e corre rápida como um rio. Se mesmo os habitantes dos palácios celestes devem perecer cedo ou tarde, ainda mais a vida humana é perecível! Portanto, se suas vidas não são eternas, porque vocês querem, para poupá-las, violar os compromissos religiosos? Todo o mundo sabe; o nascimento humano é difícil de ser obtido; é difícil obter a Lei do Buda; é difícil reunir todas as raízes de bem (*kuçalamûla*) e a fé nasce dificilmente; todas as coisas, uma depois da outra são somente adquiridas dificilmente, tal como uma tartaruga cega, que encontra o furo de uma madeira boiando. A verdadeira via do Buda é diferente desses noventa e cinco tipos de heresias e falsas doutrinas, que ficarão sem recompensa; pois aquele que pratica a via do Buda é certo que terá um fruto verdadeiro. Por que então se agarrar a essa existência de pouca duração e a preencher de vicissitudes, violando o santo ensinamento do Buda? Aquele que se conforma às palavras do Buda terá a glória nesse mundo e colherá o mérito; e em outro mundo gozará de todos os prazeres.” Assim declarou o Buda nestas estâncias:

Se há um homem inteligente
Capaz de observar fielmente os compromissos religiosos,
E que busca obter assim o céu e o Nirvana,
Ele será atendido e os obterá; sua reputação se estenderá por toda parte,
E em todo lugar será venerado.
Ele obterá certamente as alegrias do céu.
E o fruto da liberação será seu quinhão.
Elâpatra, o Nâgarâja,
Por ter violado os compromissos,
Fazendo mal a folhas de uma árvore,
Caiu depois de sua morte entre os Nâgas,
E nenhum dos Budas predisse o tempo
No qual ele poderia sair de junto dos Nâgas.
Observar fielmente os compromissos,
Eis aí uma coisa extremamente difícil;
Pois as marcas distintivas dos compromissos são muito numerosas,
E é difícil distinguí-las e compreendê-las.
Como numa floresta de espadas ou nas matas de espinhos
Só se fica lá se ferindo muito,
Assim o ignorante não é capaz
De guardar-se com a ajuda dos compromissos.

Os bhiksus suportaram então grandes sofrimentos; eles não podiam nem se levantar, nem abaixar, nem se mover, nem se virar; muito temiam violar seus compromissos para que pudessem romper as folhas. Eles disseram para si mesmos: “Abraçamos a vida religiosa e assim parecemos a uma balança que está em equilíbrio e que não sobe nem abaixa. Então, nessa situação perigosa e de temor estamos firmes sem fraqueza; distingamo-nos bem desses Nirgranthas; mudemos essa vida miserável pela Lei preciosa, para as alegrias do céu e do Nirvana. Ainda que estejamos agora sem recursos, é preciso que observemos os compromissos, sem violá-los, até a morte.” Depois disse estas estâncias:

Temos, desde tempos longínquos até agora
Cometido todos os tipos de pecados.
Uns tendo obtido a condição humana,
Cometeram o roubo e o adultério;
E encararam a pena da decapitação.
Se observamos os santos compromissos
E se renunciamos a essa vida sem valor,
Estamos certos de receber grandes vantagens.
Estamos agora em perigo
E estamos decididos a deixar o corpo e a vida;
Pois assim, após o fim de nossa vida,
Renascemos no céu e provaremos todas as alegrias.
Mas se violarmos os compromissos,

Teremos má reputação nesse mundo;
Os homens nos desprezarão
E depois da morte cairemos em más vias.
Permaneçamos então firmes no propósito,
Assim até a extinção de nossa vida.
Que os raios do sol
Queimem e sequeem nosso corpo!
Manteremos os compromissos do Buda,
Nunca os violaremos.
Que todos os animais selvagens
Rasguem nossas mãos e nossos pés!
Jamais ousaremos violar
Os compromissos do Leão dos Shakyas.
Preferimos morrer observando-as
Que viver transgredindo-as.

Os bhiksus escutaram o velho bhiksu que recitava esses versos. E quando terminou, todos enrijeceram seus corpos e ficaram sem se mover e sem se mexer, semelhantes a uma grande árvore cujos galhos e as folhas não balançam quando o vento para de soprar.

Nesse momento, ocorreu que o rei da região havia saído para caçar; pouco a pouco chegou ao lugar onde os bhiksus estavam presos. O rei os viu de longe, dúvidas vieram a sua mente e ele pensou: “Esses homens que têm os corpos nus, são eles Nigranthas ou Sharamanas?” Nesse pensamento, enviou um homem para ir ver. Os bhiksus entraram em uma grande confusão e buscaram esconder seus corpos.

O homem que havia sido enviado se convenceu que eram Sramanas de Shakyamuni. Como poderia ele saber? Pois os seus ombros direitos eram negros. *(Nota: O ombro direito permanecendo descoberto, fica bronzeado pelo sol)* O enviado retornou logo e disse: “Grande rei, são Sramanas e não Nirgranthas.” Ao mesmo tempo, disse os seguintes versos:

Saiba, ó rei,
Que esses religiosos foram roubados por bandidos;
Eles estão envergonhados por uma folha os prender,
Semelhantes a um grande elefante preso por meio de um gancho.

Quando o rei ouviu isso, foi tomado por profundo espanto e refletiu: “Convém que vá ao local onde estão esses bhiksus.” Feita essa reflexão, disse logo os seguinte versos:

Ataram suas mãos com folha verde,
Como se ata as assas de um papagaio,
E, no entanto, como ovelhas destinadas ao sacrifício à divindade,
Ficam sem se mover e sem se mexer.
Ainda que conheçam os perigos desses lugares,
Permanecem imóveis e não ferem a folha;
Tal como uma floresta que o fogo consome,
Tal um yaque, que se mata para se ter sua cauda.

Tendo recitado esses versos, foi pra perto deles e lhes perguntou em versos:

Vosso corpo é forte e robusto,
Vocês parecem ser sadios e vigorosos.
Qual é, no entanto a causa pela qual,
Vocês não se mexem, vocês que só estão presos por um broto de folha?
Será que vocês não sabem
Que seus corpos têm força?
Ou ainda foram enfeitiçados por encantamentos,
Para que vocês passassem esses sofrimentos?
Por que vocês se atormentam a si mesmos?
Queiram me dizer rápido o objetivo.

Sobre o que os bhiksus lhes responderam por estas estâncias:

Essas folhas são bem frágeis e fracas,
Sem dificuldades as romperíamos.
Mas é o Buda Bhagavat
O compromisso adamantino que nos liga.
Observamos as prescrições da Lei
E não queremos romper (nosso vínculo).
O Buda disse que as folhas e as árvores
São todas moradas de espíritos.
Nós não queremos desobedecê-lo,
Partindo não podíamos romper (os vínculos).
Assim como em um terreno onde se quer fazer agir a magia,
Está traçado para as serpentes, um limite
Que, pela virtude da fórmula mágica,
Os répteis venenosos não podem atravessar,
Assim, os limites do Muni Bhaghavat,
Não queremos ultrapassar.
Pois ainda que poupemos nossa vida
Não retornaremos ao nada;
Observando os compromissos queremos morrer,
Jamais viveríamos os violando,
Aqueles que tem a virtude e os que não a tem
Todos verão seus dias se findar.
Mas o virtuoso e o sábio, o tanto que dure suas vidas,
E depois de sua morte, terão glória;
O homem sem virtude tem a mente cega durante sua vida,
E depois de sua morte terá má reputação.
Portanto, nós sramanas,
Nos esforçamos em observar os compromissos.
A observância desses compromissos é um campo fértil;
E proporciona todos os méritos,
Ela produz a escada para ir ao céu,

Ela contém o germe do renome.
Ela é a ponte e a passagem que conduzem à santidade.
Ela é o começo de todo o proveito.
Qual é então o homem avisado
Que desejaria quebrar o vaso dos compromissos?

Nesse momento o rei se regozija excessivamente, faz com que se tire dos bhiksus as folhas que os prendiam. Depois disse os seguintes versos:

Glória àqueles que firmemente sabem manter
A palavra do Leão dos Shakyas,
Que preferem renunciar à sua própria vida.
Para manter a Lei e para não violá-la.
Eu também, quero me conformar-me às ordens
Desta Lei grande e brilhante.
Tomo meu refúgio naquele que venceu a dor,
No Muni, o mestre da liberação;
Observando estritamente os compromissos
Quero estar em conformidade às suas leis.

Sutralamkara

Ashvaghosa

Capítulo III

História nº 15

A avareza do rei Nanda

Se ao chegar o fim da vida deseja-se levar suas riquezas e suas jóias para outro mundo, isso não se pode fazer. Somente empregando-as em caridade, é que se adquire méritos. Se se teme sofrer de pobreza em uma outra existência, é preciso praticar a caridade.

Eis aqui o que ouvi dizer:

Outrora havia um rei chamado *Nan-t'o* (Nanda), que juntava tesouros no desejo de levá-los para outro mundo. Ele fez secretamente esta reflexão: "Vou agora juntar os tesouros de todo o reino, de forma que não restará mais nada." Em sua cobiça de acumular as riquezas, colocou sua própria filha em um pavilhão de "moças de alegria", e deu esta ordem aos eunucos: "Se um homem vier com tesouros para pedir uma mulher, leve esse homem com seus tesouros para diante de mim." Assim ele juntou todo o dinheiro e as riquezas de todo o reino; e completamente as juntou ao tesouro real.

Nesse tempo, havia uma mulher viúva que tinha um filho único que ela amava muito. O filho viu a filha do rei cujo corpo estava ornado de brilhantes adornos e cuja beleza não era vulgar. Sua paixão inflamou-se violentamente por ela. Sua família não tinha riquezas. Não podendo atingir o objeto de seus desejos, caiu doente.

Seu corpo emagreceu e seus sopros vitais começaram a deixá-lo. A mãe perguntou a seu filho: "O que é que te aflige a esse ponto?" Então o filho contou à sua mãe e disse: "Se não obtiver a posse dessa moça, morrerrei certamente, sem dúvida." A mãe disse ao seu filho: "As riquezas do reino inteiro estão esgotadas; não resta mais nada. Onde poderia conseguir dinheiro?" Depois ela refletiu novamente: "Quando seu pai morreu, colocou-se em sua boca uma moeda de ouro. Se você for na tumba dele, irás encontrar talvez essa moeda, e por meio dela conseguirás o objeto de teus desejos." O filho, como a mãe havia lhe dito, foi na tumba de seu pai, abriu a boca e pegou a moeda. Tendo obtido a moeda, foi para junto da filha do rei. Ela enviou ao rei, o homem e a moeda que ele havia dado, anunciando-o. O rei, desde o momento que o viu, disse-lhe: "Todo o ouro e todo o dinheiro que havia no reino estão totalmente reunidos em meu tesouro. De onde você pôde tirar essa moeda? É preciso que você tenha um tesouro enterrado." Então foram aplicados nele vários tipos de torturas dolorosas para ele confessar de onde obtivera essa moeda. Esse homem disse ao rei: "Em verdade, não encontrei esse tesouro enterrado na terra. Mas minha mãe disse-me que na ocasião da morte de meu pai colocou-se uma moeda em sua boca. Fui, portanto em sua tumba e a peguei. Eis por que possuo essa moeda." Então o rei enviou um homem para ir verificar se era verdade ou não. O enviado, quando chegou, viu de fato, o lugar da moeda na boca do pai morto, e depois disso convenceu-se. O rei, quando foi informado, absorveu-se nesta reflexão: "Precedentemente, reuni todas as riquezas na esperança de levá-las comigo para o outro mundo. O pai desse homem, ainda que tivesse uma só moeda, não pôde levá-la com ele. Quanto menos, se ele tivesse tido muito!"

Depois disse estes versos:

Precedentemente, esforcei-me em reunir
Todas as jóias,
Esperava levar todas as riquezas
E tê-las comigo em um outro mundo.
Agora, vejo alguém que foi para uma tumba
E retornou, tendo pego a moeda de ouro:
Mesmo uma só moeda não pôde ser levada,
Por mais forte razão, um monte de jóias!
Em seguida a isso, refleti:
Que meio empregarei,
Para fazer com que todas minhas jóias
Sigam-me em outro mundo!
Na antiguidade do rei Mûrdhaja,
Acompanhado de todo seu exército,
De seus elefantes e cavalos, de suas sete jóias,
Subiu ao céu.
Rama fez uma ponde de ervas (*sic*)
Para poder chegar na cidade de Lanka.
E eu desejo subir ao céu
Sem ter escada?
Desejo chegar na cidade de Lanka
Sem ter nem passagem nem ponte?
Não tenho, portanto nenhum meio
De chegar com meus tesouros em outro mundo.

Nesse momento, havia um ministro muito inteligente e hábil, que compreendeu a idéia do rei e disse: “O que o rei acaba de dizer é muito justo; ao se obter sua existência posterior, se possuiria então as riquezas (que se tem agora). Mas suas jóias, seus elefantes e seus cavalos, não se pode levá-los junto a si para o outro mundo. Por que então? O rei não pode nem mesmo levar junto a si o seu corpo atual. Menos ainda seus tesouros, seus elefantes e seus cavalos! Que meio tem ele para conseguir essas jóias em outro mundo? Somente o que faz a caridade aos sramanas, aos brahmanes e aos mendicantes. Então a recompensa de nossas boas ações seguem-nos no outro mundo.” Depois ele disse estes versos:

Quando um homem de bela face
Aproxima-se de uma superfície de água, vê sua beleza superior.
Com sua face, sua beleza ou sua feiúra
Manifesta-se no reflexo da água,
Se for belo, sua imagem será igualmente bela;
Se estiver maculada, sua imagem é feia.
O corpo que temos agora parece essa face,
O que teremos na próxima existência parece o reflexo (na água):
O que é ornado pelas Defesas e Inteligência
Terá no outro mundo um fruto agradável.
O que comete más ações
Recolherá mais tarde uma retribuição amarga.
Se há um homem que pleno de fé, emprega suas riquezas
Para honrar seus pais e mestres,

Os sramanas e os brahmanes
Os pobres e miseráveis,
Para ele o outro mundo será um espelho d'água,
Na qual verá sua face.
O reflexo das Defesas, de Inteligência e de seus karmas,
Surge então.
O rei tem muitos soldados,
Servidores de palácios e dançarinas
Ministros e oficiais,
Cantores e músicos:
Quando o fim de sua vida chega
Eles o acompanharão em lamentos à tumba
Lá chegados, retornarão ao palácio;
Ninguém o seguirá.
Os oficiais de seu palácio e seus servidores,
Todas as jóias de seu tesouro,
Os elefantes e os cavalos, suas carruagens ornadas de pedrarias,
Todas os jogos e os prazeres,
Todos os habitantes das cidades do reino,
Os parques e os lugares de caminhada e de divertimento,
Ele os abandonará todos e seguirá sozinho.
Não haverá ninguém que o seguirá;
Somente suas boas e más ações
O acompanharão sempre e não o deixarão nunca.

Quando o homem se aproxima de seu fim, sua respiração é ofegante e agonizante. Sua garganta e sua língua estão ressecadas, ele não pode mais beber água e não pode articular uma só palavra. Seu olhar torna-se vago e suas artérias param de bater. Um vento cortante destrói sua face; suas articulações se relaxam. Sua força foi detida e rompida; ele não pode mais se movimentar. Quando ele apruma seu corpo, sente dores pungentes, como picadas de agulhas. Chegado o fim da vida, se vê cercado de trevas impenetráveis como se estivesse caído em um precipício profundo. Empenha-se sozinho em um vasto deserto; não tem companheiro de estrada. Somente suas boas ações serão suas amigas e o protegerão. Se se deseja preparar-se para o outro mundo, convém praticar, sem atraso, boas ações. Depois disse estes versos:

Quando um homem chegou ao final de sua vida,
Ele parte só; ninguém o acompanha;
Vai deixar para trás, sem nenhuma dúvida,
Todos seus amigos queridos.
Sozinho irá se engajar em trevas negras,
Em locais terríveis e perigosos.
Todos os amigos o deixarão;
Estará só e sem companhia.
Eis aí porque é preciso seriamente
Munir-se da provisão do caminho da Boa Lei.

Para completar o sentido dessas palavras Varanuci disse seis estâncias de elogio ao rei e pronunciou estes versos:

Bem se quer ter pedras preciosas
Em monte semelhante ao Himalaia,
Elefantes, cavalos, carruagens ornadas de pedrarias,
Conselheiros hábeis e fórmulas mágicas;
Saiba uma coisa: chegada a hora da morte,
Não se pode escapar dela.
Convém praticar as boas obras,
Pois aquele que as faz obtém vantagens e prazeres.
Você cujo olho é semelhante ao lótus azul,
Queira atentamente observar as Defesas e praticar a caridade.
A morte inspira um medo terrível,
Quando se ouve nomear, se é apreendido por pavor.
Todos os seres que estão no mundo
Finalmente morrerão.
Eis porque convém que o grande rei
Considere a dor da morte.
Você cujo olho é semelhante ao lótus azul,
Convém que pratique as boas ações;
Se você as faz, terá vantagens e prazeres.
Convém observar atentamente as Defesas e praticar a caridade.
Quando os anos do homem tocam seu fim,
Suas riquezas não o seguirão.
A força do corpo e o vigor da idade
Não retornarão jamais uma segunda vez.
Você cujo olho é semelhante ao lótus azul,
Convém que pratique as boas ações,
Para obter vantagens e prazeres.
Convém observar atentamente as Defesas.
Mi-li e *Nahusa*
Yavâti, o grande rei,
E *Dhundumâra*,
Cha-kia e *Dilipa*:
Todos os heróis prodigiosos e poderosos
Atravessaram as ondas deste mundo;
Todos os que eram excelentes entre os homens,
Todos esses grandes reis vitoriosos,
Com seus exércitos e seus palácios
Todos desapareceram e partiram.
A alegria e a dor nascem sucedendo-se
Tais como as impressões e as lembranças se seguem.
Você cujo olho é semelhante ao lótus azul,
Você deve praticar as boas obras,
Para que ganhes para ti as alegrias e as delícias;
Convém observar atentamente as Defesas e praticar a caridade.
As riquezas e as honras
São coisas difíceis de conquistar.
A felicidade não é um bem durável.

A força do corpo aumenta e diminui,
Toda traz em si a marca da Impermanência.
O império do mundo não é durável.
Todas as coisas muito difíceis (de ganhar),
Você as têm adquiridas completamente.
Você cujo olho é semelhante ao lótus azul,
Deves constantemente praticar o bem,
Para que ganhes para ti as alegrias e delícias.
Convém que tu observes atentamente as Defesas e que faças a caridade;
Aquele que tem a força e a coragem
É capaz de atravessar o grande mar.
Saiba uma coisa: um homem vigoroso
Pode vencer todas as montanhas:
Mas esse ato
Não merece ainda ser chamado de um ato difícil:
Obter vantagens para o outro mundo,
Eis aí o que é uma coisa difícil.

Sutralamkara

Ashvaghosa

Capítulo III

História nº 16

O rei Ashoka e seu ministro Yaças

Este corpo não é durável. Eis porque o sábio deve, distinguindo bem, render homenagens aos que merecem respeito. Isso se chama mudar uma condição instável por uma condição estável.

Eis aqui o que ouvi dizer:

N a raça dos Mauryas, havia um rei chamado Ashoka. Sua fé deleitava-se no Triratna. Todas as vezes que ele via em um vihâra dos discípulos do Buda, e sem considerar se eles eram jovens ou velhos, ele descia do cavalo, tocava seus pés e lhes rendia homenagens. Nesse tempo o rei tinha um ministro chamado Yaças, um herético sem fé. Quando ele viu o rei render homenagens a todos os bhiksus, ele o caluniou violentamente e disse ao rei: “ Os sramanas saem de castas variadas para entrar na via religiosa. Não são Ksatriyas ou Brahmanes, são Vaicyas ou Çudras, tecelões ou curtem couros, pessoas cuja profissão é fabricar tijolos ou telhas, barbeiros ou cabeleireiros; há mesmo vis candâlas e outros ainda. “Por que o grande rei lhes rende homenagem?” O rei, tendo ouvido essas palavras, guardou silêncio e não disse nada. Mas algum tempo depois, ele reuniu todos os ministros e, dando-lhes ordens, disse: “É meu dever impedir que a cabeça de nenhum ser seja cortada. Ordeno a vocês, então, que consigam cabeças de animais já mortos.” Depois disse a seus ministros: “Você fulano, você pegará esta cabeça, e você fulano, você pegará aquela lá.” Ele deu sucessivamente ordens semelhantes a todos os ministros; ordenou a cada um de pegar uma cabeça diferente e proibiu de pegar a mesma (que outro houvesse pego). Depois disse à Yaças separadamente: “Quanto a ti, ordeno pegar a cabeça de um homem já morto.” Então todos (os ministros) foram enviados ao mercado para vender (as cabeças). Todas as cabeças foram vendidas, exceto a cabeça humana, que provocou aversão nos que a viram. Desviavam-se dela sem querer comprá-la. Todos os que viam Yaças, o injuriavam e lhe disseram: “ Você é um candâla ou um Raksasa, para pegar uma cabeça de um cadáver humano?” Assim injuriado, retornou para junto do rei. Dirigiu-se ao rei e disse: “Levei ao mercado a cabeça humana; e não consegui vendê-la, e ainda mais, fui injuriado.” O rei lhe respondeu e disse: “Se você não obteve dinheiro, é preciso entregá-la de graça.” Então Yaças, tendo recebido essa ordem do rei, voltou ao mercado, e começou a gritar: “ Ofereço gratuitamente!” As pessoas do mercado, tendo-o visto, recomeçaram a injuriá-lo e não quiseram pegá-la. Yaças retornou envergonhado ao rei. Aproximou-se do rei e com as mãos juntas, disse esses versos:

As cabeças dos bois e dos asnos, dos cavalos e elefantes,
Porcos, carneiros, as de todos os animais,
Puderam ser vendidas;
Todos as comercializaram e as venderam.
Todas as cabeças juntas encontraram compradores;
Somente a cabeça humana passou vil e desprezível,
Não houve ninguém que pudesse utilizá-la.
Mesmo gratuitamente, não se quis pegá-la;
Mas fui injuriado,
E ainda menos encontrar um comprador.

O rei pediu a Yaças: “Quando você levou ao mercado a cabeça humana, porque você não pôde vendê-la?” Yaças disse ao rei: “Por que as pessoas tinham horror e não a queriam comprar” O rei lhe perguntou novamente e disse: “É somente essa cabeça que inspira aversão, ou são todas as cabeças humanas em geral que o fazem nascer?” Yaças respondeu ao rei: “São todas as cabeças humanas que são desprezíveis, não somente essa aqui.” O rei lhe perguntou novamente e disse: “Minha cabeça seria da mesma maneira objeto de desprezo das pessoas?” Yaças, tendo ouvido isso, teve medo; e não ousou responder e manteve o silêncio. O rei lhe dirigiu novamente a palavra e disse: “Te permito agora de falar sem medo. Diga-me a verdade! Minha cabeça inspiraria igual aversão?” Yaças respondeu e disse: “Seria a mesma coisa com a cabeça do rei.” O rei falou novamente: “Você compreendeu agora?” Yaças respondeu: “Compreendi, ó grande rei!” O rei disse a Yaças: “Se as cabeças dos homens nobres ou vis merecem todas um igual nível de aversão, por que te prevaleces de tua nobreza, tua casta e teu saber para exaltar-se, e por que quisestes me impedir de render homenagem aos sramanas, aos discípulos de Shakyamuni?” Depois disse os seguintes versos:

Somente aquele que tinha essa cabeça humana
Foi abatido por injúrias de todos que o viram;
E não encontrou comprador;
Ele a ofereceu gratuitamente: foi desdenhada e não se aproximaram dela.
Ao vê-la de longe, todos ficaram com raiva
E disseram: Que objeto de mau augúrio e de mau gosto!
Nossa cabeça composta de pus e sangue
É imunda e desprezível.
Convém trocar essa cabeça vil
Pela cabeça dos méritos religiosos.
Pois ela, pode-se maltratá-la
Ela não sofre nenhum dano.

O rei disse ainda a Yaças:
Ainda que você tenha visto esses bhiksus,
Que são de castas diferentes e são miseráveis,
Você não pode sondar seu interior
Que contém a verdadeira Via.
Você é um ignorante e um herético,
Teu coração é extraviado e perturbado pelo erro.
Você acreditava que somente os brahmanes
Teriam a Liberação compartilhada,
E que as outras castas, fora da tua,
Não participariam.
Quando quer se casar
Busca-se (uma mulher) de sua casta,
Mas quando se busca a Boa Lei
O que é se ocupar com castas?
Quando se busca a Lei,
Não é conveniente se ocupar com as castas.
Bem se tenha nascido em uma casta superior;
Caso se cometa más ações,
Será reprovado por todo mundo
E merecerá ser chamado de um homem vil.
Mas, ainda que seja de uma casta baixa,
Se se praticar a verdadeira Via,
Se será honrado por todos,
E se merecerá ser chamado de um homem nobre.
Se se está pleno de virtudes,
Como não se seria honrado?
É a perversidade do coração que torna o exterior vil:
É a bondade dos sentimentos que torna o corpo nobre.
Os sramanas praticam o bem,
Eles têm a fé, a prática das Defesas e a caridade, eles possuem o saber:
Eis porque eles merecem ser honrados,
Eis porque é conveniente lhes mostrar um profundo respeito.
Você que comete más ações,
Não ouviu
A Lei que proclamou
O rebento dos Shakyas, aquele que é pleno de misericórdia,
Gautama na Via direita:
Para as três condições instáveis
Troque-as pelas três condições sólidas.
O Buda não teve discursos errôneos,
Eis porque não ousei lhe desobedecer:
Se desobedecesse aos ensinamentos do Sublime,

Não se poderia dizer que pratico o bem.
Quando se esmaga a cana de açúcar,
Guarda-se o sumo e rejeitam-se os resíduos;
É a mesma coisa para o corpo do homem:
Ele é esmagado pela morte:
Quando seus despojos mortais são confiados a terra,
Ela a abriga imóvel.
Veneram-se os que praticam o bem;
É por isso que convém
Dar esse corpo perecível
Em troca da Lei sólida.
Quando o fogo consome uma casa
As pessoas prudentes tiram seus bens;
Se a água invade um tesouro escondido,
É preciso salvar rápido essas riquezas.
Uma vez que esse corpo acabará por perecer,
Convém trocá-lo pela Lei sólida.
Mas o homem estúpido não sabe distinguir
A Lei sólida da que não é.
O exército da morte aproxima-se rapidamente dele
Ele parece entrar na garganta de um Makara:
Alguns em certo momento
Terão medo e serão tocados por grande terror.
Quando do leite extrai-se a nata,
E quando dela se extrai a manteiga,
O vaso do leite pode muito bem se quebrar,
E não se aflige.
É a mesma coisa para nosso corpo:
Se se retirou dele o que é durável, verdadeiro e de bem,
Quando o final da vida chegar
Morre-se sem arrependimento.
Mas se não se praticou o bem,
Se se é indiferente e preguiçoso
Quando a morte rápido chegar
Para quebrar o vaso do corpo,
Se terá o coração preenchido de arrependimentos pungentes,
Como se estivesse sendo queimado pela flama.
Os Kleshas são semelhantes ao fogo,
O vaso do leite é semelhante ao corpo.
Você não deveria ter me impedido
De praticar o bem e escolhes a Lei sólida;
Ignorante de mente obscurecida,
Você disse: "Sou um homem superior!"

Eu sou esclarecido
Pela tocha do ensinamento do Daçabala,
E quando ilumino e sondo meu foro interior,
Não estabeleço diferença entre o nobre e o vil.
A pele e a carne, as articulações e os ossos,
As trinta e seis partes (do corpo)
São idênticas no nobre e no vil:
Qual sinal de distinção resta então?
Seus nomes, suas casas, suas vestes
E os objetos de uso, são os que são diferentes.
Que o sábio se esforce
Em honrar os que são dignos de respeito;
Aplicar-se em praticar o bem,
É o que se chama escolher a Lei sólida.
Por que falei assim?
Esse corpo passa rapidamente como um raio;
Como uma bolha de água ou um monte de areia,
Como uma bananeira não é estável.
Se esse corpo exposto a todos os riscos,
Pratique o bem, ele subsistirá durante cem kalpas,
Será sólido como a montanha Sumeru
Ou como a vasta terra.
É assim que o sábio
Deve adquirir a Lei sólida.

Sutralamkara

Ashvaghosa

Capítulo VII

História nº 47

A conversão de Upâli

Quando se tem um coração orgulhoso, não há um pecado que não se cometa. Ainda que o orgulhoso exalte a si mesmo, deve-se chamá-lo homem inferior. Eis porque se deve vencer o orgulho.

Eis aqui o que ouvi dizer:

O Buda, logo depois de ter adquirido a inteligência suprema, converteu Uruvilvâkâcyapa, seus irmãos e seus adeptos, mil homens em número. Eles se liberaram dos Kleshas e seus cabelos caíram por si mesmos. Eles acompanharam o Sublime à Kapilavastu (*Kia-pi-lo-wei*), como é longamente descrito na Vida do Buda. O rei Sudhohana (*Yue-t'eou-t'na*) converteu-se e submeteu-se; mas os Shakyas eram orgulhosos de sua casta. Quanto ao Buda Bhagavat, não se deixava de contemplar todo seu corpo; seu corpo era perfeito, nem gordo, nem magro. Mas os brahmanes e os outros, que praticavam a mortificação tinham o corpo há muito tempo emagrecido; em seu interior tinham inteligência, mas seu exterior era muito feio. Eles não estavam, de jeito algum, em estado de seguir a conduta do Buda. Nesse tempo o rei, o pai (do Buda) fez esta reflexão: "Se eu fizer os Shakyas entrarem na vida religiosa, eles ficarão em um estado de seguir o Buda." Quando assim pensou, fez tocar o tambor e proclamou isto: "Vocês me obedecerão ao enviar um homem de cada família dos Shakyas para que entre na vida religiosa." Quando receberam a ordem do rei, as famílias enviaram, cada uma, um homem para se converter e para entrar na vida religiosa. Nesse tempo Upâli, quando cortava os cabelos e as barbas dos Shakyas, chorou e entristeceu-se. Os Shakyas disseram: "Por que choras?" Upâli disse: "Agora que vocês, os Shakyas entram na vida religiosa, do que eu viverei?" Quando os Shakyas ouviram as palavras de Upâli, os Shakyas que haviam entrado na vida religiosa se despojaram de todas suas vestes que portavam, de seus colares e dos ornamentos de seus corpos e fizeram um monte e o deram por completo a Upâli. Eles disseram a Upâli: "Nós te damos por completo estes vários objetos que subvencionarão tua vida para sempre." Quando Upâli ouviu essa palavras, foi tomado por desgosto e disse: "Todos vocês tomaram em aversão, essas jóias e os ornamentos de seus corpos e vocês as rejeitaram. Como poderia aceitá-las?" Depois pronunciou esta estâncias:

Todos os Shakyas
Rejeitaram suas jóias,
Como detritos insuportáveis,
Ou como brotos de ervas ou folhas.
Eles deixaram de gostar delas,
Por que as aceitaria por cobiça?
Se aceitasse este monte de jóias,
Meu coração se apegaria com avareza;
Se eu as possuísse
Elas se tornariam uma grande calamidade (para mim).

Os Shakyas se libertaram das calamidades que acarretavam;
Se eu as aceitasse,
Elas se tornariam uma grande calamidade (para mim).
Quando um homem vomita seu alimento
Os cachorros correm para comê-lo;
Se eu aceitasse o que eles rejeitaram,
No que me distinguiria desses cachorros?
Temo esse monte de jóias
E as evito como os quatro Venenos.
Minhas boas disposições estão despertas,
Não cobiço esse monte de jóias.
Certamente, as rejeitarei.
Desejo ir para junto do Sublime
Para lhe pedir a Lei dos religiosos.

Quando Upâli pronunciou essas estâncias, disse ainda estas estâncias:

Vendo que os outros ganham a Lei Sublime.
Meu coração se preenche de respeito;
Desejo que eu mesmo,
Obtenha com eles a melhor das coisas.
Eu também quero agora sair (do mundo)
Para me esforçar em adquirir os meios (de Liberação).

Em seguida Upâli disse a si mesmo: “Estou agora resolvido, sairei do mundo. Devo me aplicar com zelo. Precedentemente milhares de brahmanes, por intermédio do Buda, obtiveram a admissão na vida religiosa. Os Ksatryas da raça dos Shakyas, ao número de quinhentos, obtiveram também a entrada na vida religiosa. Essas duas castas, os Brahmanes e os Ksatryas são nobres. Mas eu sou um Sûdra e essa casta é baixa e desprezível. Obterei a entrada na vida religiosa com esses homens superiores? Quais talentos tenho então? Como poderei entrar na vida religiosa com eles?” Depois disse estas estâncias:

Pura é a casta dos Ksatryas;
Os Brahmanes tem uma grande ciência;
O local de origem é (puro) como a pedra *mani*;
Todos eles estão reunidos aqui.
Eu sou um Sûdra;
Como poderia me misturar com eles?
Seria como se triturasse ferro
Para combinar ao ouro puro, para falsificá-lo.
O Bhagavat, o Buda
É onisciente, eu aprendi.
Vou agora ir para junto daquele
Que tem a compaixão por todos:
(Saberei) se sou puro ou se não sou puro,
Se posso sair (do mundo) ou se eu não posso sair.
Nenhum dos heréticos
Conhece onde se encontra a Liberação;
Somente aquele que destrói os Elos
É capaz de conhecer a Liberação.

Quando Upâli pronunciou essas estâncias, foi para próximo do Sublime, fez uma genuflexão, uniu as palmas de suas mãos, colocou o joelho direito no chão e pronunciou estas estâncias:

Aqueles que pertencem às quatro castas
Podem todos entrar na vida religiosa?
As alegrias do Nirvana e da Liberação,
Os homens semelhantes a mim podem obtê-las?
Ai! Salvador do mundo!
Vós que tendes uma grande misericórdia e que é imparcial,
Consinta por piedade permitir a mim
Entrar, por minha vez, na vida religiosa.

Nesse momento o Sublime reconheceu que o coração e a mente de Upâli estavam domados, que seus bons karmas estavam maduros e que ele estava pronto para ser convertido. Então levantou a mão direita ornada de bons sinais e colocou sobre fronte dele dizendo: “Te permito entrar na vida religiosa.” Os heréticos com sua lei oculta não fazem conhecer coisa alguma a seus discípulos. Tal não é o Perfeito: ele é dotado de uma grande compaixão e é imparcial; ele não tem parcialidade e explica a Lei (a todos) de uma maneira igual. Ele indica aos homens a Via suprema e os salva. Assim como no mercado se vendem objetos sem escolher (como compradores) os nobres e os vis, da mesma maneira na lei do Buda não se distinguem os pobres e os ricos, nem os homens das diferentes castas. Depois disse estas estâncias:

Quem beberia sedento em um rio puro
Sem saciar a sede?
Quem teria na mão uma lamparina acesa
Sem suprimir as trevas?
A Lei do Onisciente
É universal e pertence a todos.
Quem a praticou
Sem encontra a verdade suprema?
Assim como (todos sabem) comer o açúcar,
Da mesma maneira nobres e vis (tem a faculdade) de eliminar as trevas.
Ksatriyas e Brahmanes,
A Lei do Buda pertence a todos igualmente;
Mesmo quando os três mundos perecerem,
Não haverá diferença entre as castas.
Assim como os três tipos de medicamentos
Curarão os ataques frios e quentes.
(Assim como) o remédio não se aplica a uma casta (em especial),
E que tem o poder de curar os nobres e os vis,
Da mesma maneira o remédio da Lei
Pode curar a cobiça, a raiva e a ignorância;
Das quatro castas ele pode eliminar,
Sem fazer diferença entre a elite e os inferiores.
Assim como o fogo, quando queima os objetos,
Não olha se o combustível é bonito ou feio,
Assim como o veneno, tal como o fogo,
Não distingue entre os nobres e os vis,

Assim como se lavando com água,
As quatro castas podem limpar as impurezas,
Da mesma forma quando se trata de apagar os limites que a dor nos confronta
Todas as castas podem se liberar.

Em seguida o Sublime dirigiu-se a Upâli com uma voz semelhante ao som profundo e longínquo de tempestade que se faz ouvir em um céu claro e que as nuvens não escondem, com voz semelhante à de um grande rei dos nâgas, de um rei dos bois, de um kalavinka, de voz semelhante a rei das abelhas ou de um rei dos homens, semelhante a uma música de atores celestes fazendo ouvir uma voz de Brahma: “Você estará contente de entrar na vida religiosa?” Quando Upâli ouviu essa voz, foi preenchido de alegria; juntando as mãos disse ao Buda: “Consinta regozijar-me fazendo-me entrar na vida religiosa!” O Buda lhe disse: “Upâli! Seja bem-vindo como bhiksu! Aplique-se bem às práticas de um *brahmacârin!*” Quando ouviu essas palavras, seus cabelos caíram por si mesmos e o kasâya o vestiu. Sua atitude tornou-se perfeita e seus sentidos foram acalmados; ele se tornou como os bhiksus de longa data.

Os quinhentos Shakyas praticavam os quatro karmas puros e haviam recebido as Defesas por completo. O Buda disse: “Vocês devem agora fazer reverência aos antigos bhiksus.” Então fizeram reverência, seguindo a ordem, do sthavira Ajñatakaundinya ao bhiksu *O-pi Ma-che* etc. Upâli estava sentado abaixo por último. Shakya Bhadrarâjâ caminhava a frente dos Shakyas. Nesse tempo os Shakyas, para honrar a ordem do Buda e para se conformarem à ela, fizeram reverência aos pés (dos bhiksus) um após o outro e acabaram por chegar até Upâli. Quando perceberam seus pés diferentes (dos outros) levantaram os olhos e perceberam a face de Upâli. Então os Shakyas se emocionaram e se espantaram. Semelhantes a um rio impetuoso que se lança do cume de uma montanha, cuja corrente bate nos rochedos e cujas ondas batem para trás, falaram assim: “Somos a casta dos Ksatryas, oriundos da raça do Sol; o mundo nos tem em honra. Como poderíamos fazer reverência à nosso próprio escravo. Oriundo de baixa casta, do clã dos barbeiros? Devemos ir para junto do Buda e lhe explicar toda essa situação!” Eles disseram ao Buda: “Devemos fazer reverência também à Upâli?” O Buda disse aos Shakyas: “Homens de meu clã” Em minha Lei não há lugar para o orgulho.” Então os Shakyas disseram ao Buda: “Ele é da casta dos Sûdras!” O Buda lhes disse: “Tudo é perecível; as castas não são duráveis; a não-eternidade tem (por completo) um só gosto, mesmo nas castas; porque elas seriam diferentes (das outras coisas perecíveis)?” Os Shakyas replicaram ao Buda; “Sublime! Ele é do clã dos barbeiros; nós somos oriundos da raça do Sol.” O Buda disse aos Shakyas: “Tudo que se encontra no mundo é como um sonho, como uma magia; entre as castas que diferença há?” Os Shakyas disseram ao Buda: “Ele é um escravo, nós somos senhores.” O Buda lhes respondeu: “No mundo todos são devedores à afeição (dos pais, mestres etc) e são assim escravos; entre os nobres e os vis que não se libertaram do samsara, não há diferença. Renunciem a vosso orgulho!” Então os Shakyas, incomparavelmente magníficos como flores desabrochadas, viraram as mãos unidas para o Buda; plenos de hesitação como antes e falaram assim: “Você quer fazer-nos então fazer reverência aos pés de Upâli?” O Buda disse aos Shakyas: “É desta maneira não somente em minha Lei, mas é também assim na Lei que rege a vida religiosa de todos os Budas.” Quando os Shakyas ouviram o Buda explicar várias vezes a Lei que rege a vida religiosa, eles ficaram imóveis como árvores quando não há vento. Suas mentes conceberam uma tristeza e disseram todos em uma só voz: “Como poderíamos nos opor à ordem do Buda? Nós devemos nos conformar à ordem do Buda.”

Os homens da antiguidade falaram assim: Se o Buda converteu, antes de tudo Upâli, foi por que ele quis aniquilar o orgulho dos Shakyas. Pois em seguida todos os Shakyas renunciaram (ao mundo) e se conformaram à Lei que rege a vida religiosa. (O Buda assim agiu) também para que as castas nobres no futuro se conformassem à sua Lei que rege a vida religiosa. Bhadrachâkyâ (-râja) e os outros que estavam há muito tempo entregues ao orgulho, domaram então seus sentidos; tomando em suas mãos os pés de Upâli, fizeram-lhe reverência. Quando fizeram reverência, a grande terra, as cidades, as montanhas, as florestas, os rios e o oceano se sacudiram todos. Os deuses exclamaram: “Hoje a montanha de orgulho dos Shakyas desmoronou!” Depois disseram estas estâncias:

Oh! Eles renunciaram a seu orgulho,
À sua casta, à seu poder e às suas riquezas!
Eles se conformaram ao ensinamento do Buda
Como as árvores se curvam de acordo com o vento.
Oriundos da raça do Sol, nascidos na casta dos Ksatryas,
Adoraram a sua frente Upâli.
Eliminaram a arrogância de seus corações,
Acalmaram seus sentidos.
Os homens superiores,
Sinceros e sem malícia,
Que obtiveram felizes vantagens, ao ápice das virtudes.
São tão numerosos quanto os bambus de uma floresta de bambus.
Brahmanes cujos nomes são célebres,
Ksatryas de nobre casta,
Essa multidão de homens, cuja virtude é renomada,
Entro na Lei do *Muni*.
Eles ornamentam a santa comunidade,
Tais como estrelas que cercam a lua,
Dispostas no espaço:
Que o esplendor da Lei viva!
O mar do Perfeito
É a mais excelentes das águas virtuosas;
Para lá, elas afluem tranqüilamente,
Todos os rios retornam a ele;
No mundo, todos os homens de uma inteligência superior
Retornam a Lei do Buda.
Os homens e os deuses sempre em grande número
Por causa disso entram na (única) Via que tem importância
O Perfeito que sabe bem distinguir,
Explicando a Lei, aniquilou o orgulho;
A comunidade de seus discípulos tem um só gosto
Como o mar tem em toda parte um só gosto.

Por que contamos esse caso? (Para mostrar que) a Lei do Buda surgiu no mundo para quebrar o orgulho.

Sutralamkara

Ashvaghosa

Capítulo VII

História nº 48

O Sûdra avarento

Aqueles que obtiveram a visão das Verdades santas não podem ser induzidos ao erro nem pelo deus Mâra, nem pelos heréticos. Eis porque é conveniente adquirir com zelo os meios para buscar a visão das Verdades santas.

Eis aqui o que ouvi dizer.

Um Sûdra, vivendo em especial, era excessivamente avarento. Shariputra e outros foram até sua casa e pronunciaram estas estâncias:

Por analogia ao mar profundo das más vias
Um coração em desordem é semelhante a água turbulenta,
Que é levado pela correnteza da avareza;
Pode-se chamar um (coração) vazio.
O rio do desejo,
A multidão de peixes e de tartarugas da heresia
Ali pululam;
Jamais seu fluxo pára.
Convém arrancar agora a raiz da avareza
E preparar a recompensa que comporta a caridade.
(Nós que dependemos) do Sublime de grande misericórdia,
Do filho dos Shakyas que não conhece o medo,
Ao te ver nesta aflição
Nos é conveniente te salvar.

Neste tempo Mahâkâcyapa levantou-se cedo, vestiu a veste, pegou sua tigela de esmolas e foi para a casa do Sûdra e exaltou a caridade. Mas o Shresthin, por estar em aflição, teve seu coração como que furado e disse a Kashyapa: “(Veio) para buscar um convite ou para mendigar seu alimento?” Kashyapa respondeu: “Mendigo habitualmente o alimento.” O Shresthin disse: “Se você mendiga o alimento, é preciso que o faça no tempo próprio.” Em consequência Kashyapa foi-se. Shariputra, Maudgalyayana e os outros grandes discípulos foram da mesma maneira nessa casa, mas não receberam nada. Então o Sublime foi a essa casa e disse ao Sûdra: “Agora deves praticar as cinco grandes Caridades.” Quando o Sûdra ouviu isso, seu coração se preencheu de grande tristeza e fez esta reflexão: “Não pratico nem mesmo a menor caridade ; como poderia fazer as cinco grandes caridades? Na Lei do Perfeito não há então outra Lei? Todos os discípulos me recomendaram a caridade.” O Buda disse ao Shresthin: “Não matar, isso se chama uma grande caridade; não roubar, não fornicar, não mentir, não beber vinho: eis o que se chama as cinco grandes caridades.” Quando ele ouviu essas estâncias, seu coração se preencheu de alegria e fez esta reflexão: “Se não se viola nem um pouco essas cinco prescrições, obtém-se o renome de um grande dânapati. Por que não as realizaria?” Quando assim refletiu, regozijou-se profundamente do Sublime e seu coração se preencheu de fé e de respeito; e ele disse: “O Buda é um mestre, um herói; isso é verdade e não falso; se não houvesse o Sublime, quem saberia proclamar

semelhantes palavras? Quem não o obedece respeitosamente? Ninguém ousa desobedecê-lo.” Depois disse estas estâncias:

Sua beleza não há semelhante,
Sua eloqüência não se encontra pelo mundo;
O Sublime sabe falar em seu próprio tempo, com uma voz de Brahma e com
palavras admiráveis;
Nunca o que ele diz é falso,
Todos aqueles que a ouvem obtém um fruto.

Quando pronunciou essas estâncias, concebeu alegria para o Buda. Entrou em seu tesouro e pegou algumas cobertas para doá-las como esmola ao Buda. Depois refletiu ainda: “Quero lhe dar uma a mais.” Depois pensou ainda: “Alego que não é o bastante, quero portanto dar-lhe ainda duas a mais.” O Buda penetrou nos pensamentos de seu coração e pronunciou estas estâncias:

Quando se dá esmola ou quando se combate,
Pode se dizer que os dois casos são idênticos:
Pois nos dois casos a virtude não pára (em seu impulso),
Mesmo em um homem forte e superior.
Quando se dá esmola e quando se combate
Age-se de forma idêntica.

Quando o Sûdra ouviu essas estâncias, (disse): “O Perfeito, o Sublime conhece meus pensamentos.” E saltou de alegria e aniquilou sua avareza. Ele pegou as cobertas e as deu ao Buda. O Buda reconheceu que o Sûdra estava pleno de alegria; como era conveniente, explicou-lhe a Lei e rompeu os vinte *koṭis* de visões egoístas do Sûdra, de forma que se tornou um Srotâpanna. Então o Sublime levantou-se de seu assento e retornou ao local onde permanecia. O Sûdra pleno de alegria pediu licença ao Buda e retornou para sua casa, o coração pleno de alegria. Nesse momento o rei Mâra percebeu a alegria do Sûdra e pensou: “Devo agora ir para junto desse Sûdra e destruir suas boas disposições.” Tendo assim pensado, transformou-se e tomou a forma do Buda com seus trinta e dois *lakṣanas* e seus oitenta *anuvyañjanas* e foi para a casa do Sûdra. Estas estâncias foram pronunciadas:

Seu corpo é semelhante a uma montanha de ouro puro;
Sua auréola é muito brilhante;
O soberano, surgindo em forma modificada,
Tem atitude magnífica como o rei dos elefantes.
Ele vem para entrar na casa do Sûdra,
Tal como o sol que entra nas nuvens brancas;
Não se cansa de contemplá-lo,
Ele brilha como centenas e milhares de sóis.

Então ele preencheu com seu brilho a casa do Sûdra, o Sûdra teve medo (e disse): “Quem é esse homem?” Depois disse estas estâncias:

É como se um pedaço de ouro puro fundido
Preenchesse minha casa.
Será que o sol saiu da terra
Com um brilho que seria o dobro de sua luz habitual?

Quando pronunciou essas estâncias, foi preenchido de uma alegria extrema, como se tivesse regado seu corpo com néctar e disse: “Uma grande felicidade caiu em mim; agora o Buda entra novamente em minha casa. Mas ainda que venha de novo, não é espantoso. Por

que? O Perfeito, o Sublime, só se ocupa em sua misericórdia em salvar (os homens).” Depois estas estâncias foram ainda pronunciadas:

Sua cabeça é semelhante a um fruto *mâdana*,
Sua derme é semelhante ao ouro puro;
Entre suas sobranceiras encontra-se o sinal da *ûrnâ*,
Seus olhos são puros e largos,
Tais como os lótus azuis desabrochados.
O Senhor supremo, calmo,
Sem medo, tem uma atitude digna;
Sua face é incomparavelmente bela.
De uma auréola da largura de uma polegada.
Está ornado;
Orgulhoso clama:
Agora eu sou verdadeiramente um Buda.

Nesse momento, o rei Mâra se coloca magnífico diante do Sûdra e diz ao Sûdra: “Precedentemente te disse que o nascimento é produzido pela Dor criada pelos cinco órgãos dos sentidos e que praticando a óctupla boa via, se suprime os cinco órgãos dos sentidos. Disse isso como erro.” Quando falou e o Sûdra ouviu essas palavras, concebeu dúvidas extremas (e disse): “Seu exterior é semelhante ao Buda, mas suas palavras não o são. Sonhei isso ou é uma perturbação de minha mente? Tendo ouvido suas palavras (ou seja as do Buda), concebeu um ciúme extremo: é algum maldoso que tomou a forma do Buda, da mesma forma que em um monte de flores se encontrasse uma serpente negra venenosa. Agora estou convencido que é certamente Mâra. Ele é semelhante a um vendedor de agulhas que vem buscar vender as agulhas. Escute-me agora, Ó Maligno (*Po-siun*, Piçuna?) escute o que vou longamente te explicar, eu, um discípulo do Buda. “ E disse estas estâncias:

Uma gansa que descobrisse o Sumeru em sua asa,
Poderia sacudi-lo?
Você quer fazer com que o coração do que viu as Verdades santas
Se abale e te siga:
Isso nunca ocorrerá.
Você pode enganar os olhos da carne,
Você não pode enganar o olho da Lei.
O Buda que previu esse caso
Pronunciou estas palavras:
O olho da carne é muito fraco,
Não sabe distinguir o verdadeiro do falso;
Mas quando se obtém o olho da Lei,
Então se distingue o *Muni*, o Venerável.
Obtive o olho puro da Lei,
Vi aquele que destruiu os Elos.
Jamais seguirei tuas palavras
Você se entrega a esforços vãos,
Você não poderá me introduzir ao erro e me perturbar.
Vi as Verdades santas, te conheço,
Você é realmente o Maldoso, o Maligno.
Um homem que viu as quatro Verdades santas,
Você não poderá jamais me abalar.

Da mesma maneira quando se cobre de ouro o metal
E quando se quer enganar o ourives,
Isso dificilmente se consegue;
Fora, aparecem as marcas características do ouro,
Mas dentro, só há realmente o cobre.
Da mesma maneira quando se pega a pele de um tigre
Para cobrir um asno,
A aparência engana o olho da carne,
Mas a partir do momento que o asno faz ouvir sua voz, sabe-se que é um
farsante.
Devesse o fogo ter como marca característica o frio,
Devesse uma tranqüilidade constante tornar-se a marca característica do
vento,
Devessem os raios de sol se encher de trevas,
Devesse a lua ter o calor como marca característica;
Não se poderá jamais fazer com que um homem que tenha visto as Verdades
santas
Tenha seu coração abalado e revirado!
Devesse o universo inteiro
As plantas, as telhas, as pedras,
Os gamos, os pássaros e os animais
Tomar o jeito do Buda,
Eles não poderiam abalar minha mente,
E lhe fazer tomar uma outra marca característica!
Quanto menos te seria impossível, à ti Mara, que é um só
Para me abalar!
O Sûdra, falando de diversas maneiras,
Aborreceu, pressionou e censurou o Maligno,
Tal como um homem corajoso
Que entra na luta para combater os fracos,
Então Mara teve medo
E retornou as pressas para seu palácio celeste.
Quando, no local onde um leão se mantém,
Um elefante chega e foge com precipitação;
É o mesmo com Mâra:
Em um local onde se mantém qualquer um que tenha visto as Verdades santas
Nenhum Mâra ousa ficar.